



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

**XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.**

SENTIDOS CONSTRUÍDOS POR ESTUDANTES SOBRE O MEIO AMBIENTE EM OBRAS FÍLMICAS

Patrícia Barbosa Pereira
UFSC
patricia2708@gmail.com

1. Introdução

Como professora de Ciências do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Florianópolis, sinto-me motivada a estabelecer uma conexão com as propostas realizadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seguidos por muitas das escolas da rede, e o que efetivamente se realiza em sala de aula. Durante a prática profissional, neste pouco tempo que atuo como professora de Ciências, há três anos, uma das coisas que mais me deixaram e me deixam angustiada é a postura acrítica que muitos dos nossos colegas tomam e conseqüentemente remetem aos estudantes com os quais trabalham diariamente. Posição esta no sentido de aceitação, de legitimação de alguns conceitos, “normas”, práticas estabelecidas culturalmente e passadas a cada geração. É bastante comum verificarmos isso diante dos produtos midiáticos que trazem um conjunto de informações que, na maioria das vezes, são levadas para a sala de aula e nem sequer são discutidas. Isso ocorre até mesmo com os próprios PCNs e com o eixo central desta pesquisa, que são os filmes exibidos em sala.

Não acredito também que nós, como professores de Ciências, tenhamos que assumir uma postura radical, uma posição essencialmente contrária ao que levamos para a sala de aula, pois a partir do momento em que trabalhamos com determinado assunto, não estamos mais num posicionamento neutro. O que é preciso, e se faz muitas vezes necessário, é a participação dos próprios estudantes diante do que está sendo trabalhado, suas opiniões, conclusões, visões, pois todos somos diferentes e nas diferenças é que encontramos os possíveis caminhos para um processo dinâmico de construção do conhecimento.

1.1 O conceito de natureza

O conceito de natureza, construído pela sociedade ocidental, tem servido como um dos suportes dos processos de como a produção e a vida se manifestam atualmente, o que conseqüentemente, tantos problemas têm causado e contra os quais se constitui o movimento ecológico.

Gonçalves (1989:37) defende que “toda sociedade, toda cultura, cria um determinado conceito de natureza, ao mesmo tempo em que cria e institui suas relações sociais”. Assim, em nossa sociedade, o conceito de natureza não é natural, pois foi criado e instituído pelos homens. A natureza é então designada como tudo aquilo que se opõe à cultura, pois esta é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza, conceito este consagrado pelo antropocentrismo¹, com as delimitações claramente identificadas de homem-sujeito, natureza-objeto.

De acordo com Capra (1999), esta oposição entre homem e natureza construída culturalmente tem sua estruturação nos valores de um tipo de ecologia², a ecologia rasa ou superficial, centralizada no ser humano, que se opõe a uma ecologia profunda que, por sua vez, é um novo paradigma, chamado de uma visão de mundo holística, ou seja, que concebe o mundo como um todo e não suas partes dissociadas.

Pode-se dizer que a separação homem-natureza é uma característica marcante do pensamento que tem dominado o chamado mundo ocidental, cuja matriz filosófica se encontra na Grécia e Roma clássicas. Porém, através de um processo lento de construção, é no século XIX, com a instituição da ciência e da técnica, que a natureza, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado, passa a ser dividida e estudada de acordo com as mais diversas áreas do conhecimento (Gonçalves, 1989).

¹ Atitude ou doutrina que concebe ou considera o homem como o centro ou a medida do Universo, sendo-lhe por isso, destinadas todas as coisas (Ferreira, 1988:134).

² Disciplina que teve sua forma inicial como uma disciplina científica da Biologia ao estudar a relação entre os seres vivos e destes com os seres não-vivos: todos os seres, vivos ou não, são considerados o ambiente de cada ser vivo. A ecologia é, nas palavras do seu suposto fundador, Haeckel, o estudo das relações do organismo com seu ambiente inorgânico ou orgânico, em particular o estudo das relações de tipo positivo ou amistoso e do tipo negativo (inimigo) com as plantas e animais que convive. Seu conteúdo estendeu-se para além da Biologia e hoje compreende os ciclos e ritmos naturais, desenvolvimento e estrutura das comunidades, distribuição geográfica, interações entre os diferentes tipos de organismos, alterações de populações, leis, ecossistemas, nichos e outras subdivisões da biosfera, sucessão de espécies, transmissões de energia, entre outros estudos (Soares, 2003).

A conceituação da natureza vincula-se ao domínio cultural da qual fazem parte ritos, costumes, técnicas e significados diversos, relacionados às práticas culturais de uma sociedade.

Já é bastante difundida a idéia de que, junto ao conceito de natureza construído com base nos padrões e atitudes da sociedade ocidental, surge uma ruptura com o entorno, que como será tratado a seguir, é o próprio “meio ambiente”.

1.2 “Meio Ambiente”

As constantes discussões acerca das condições ambientais mundiais tornam o “meio ambiente” não só um tema regional, mas universal, pois todos os países, ricos ou pobres, discutem os impactos que o progresso econômico e o avanço tecnológico podem causar ao “meio ambiente”.

Mas que “meio ambiente” é este? É realmente um espaço? É um espaço natural?

Parece clara a importância de uma abordagem mais detalhada desta terminologia que é tão comentada neste trabalho. Antes de falar em “meio ambiente”, é bastante válido explicitar alguns conceitos relacionados à abordagem deste termo, ao que este muitas vezes institui, às inevitáveis associações deste com outros conceitos, tais como: ecologia, ecossistemas e ao próprio conceito de natureza difundido na sociedade ocidental.

A expressão “meio ambiente”, de acordo com Boff (1995:18), “foi cunhada em 1800 pelo dinamarquês Jens Baggesen e introduzida no discurso biológico por Jakob von Uexküll (1864-1944)”. Esta expressão foi trazida tal qual foi cunhada e muitas vezes não há uma reflexão a respeito do que a mesma traz embutido, é certo que há uma redundância no termo “meio ambiente”, e para o próprio Boff (1995:18) “o que se visa não é o meio ambiente, mas o ambiente inteiro”.

Porcher *et al.* (1977) apud Soares (2003) ressalta a redundância da terminologia, mas ressalta que “meio” exprime um sentido material e físico, mais vivo que atuante, enquanto “ambiente” une o contexto biológico e social.

Coimbra (2002) também chama a atenção para a redundância que existe na expressão “meio ambiente”, ou seja, o ambiente já inclui a noção de meio e este, de

alguma forma, implica aquele. O autor expõe que esta expressão reduplicativa só existe nas línguas portuguesa e espanhola, conhecidas pelos seus excessos.

As expressões vão se cunhando de forma espontânea e, a partir de dado momento e por força de múltiplos fatores, tornam-se consagradas. É o caso, para nós, de Meio Ambiente, como designação de uma entidade especial, substantiva, que se distingue tanto do simples meio como do simples ambiente. Meio Ambiente, por isso, é tomado como uma entidade natural, apropriada, existente em si, diferente de outros meios e outros ambientes (Coimbra, 2002:23).

Este autor ainda ressalta que, nesta nossa época os conceitos andam meio confusos, movediços e até mesmo mal trajados e por isso refletem um mundo em ansiosa transformação. Para ele, o fato de se ouvir expressões, acontecimentos que remetam ao “meio ambiente” comumente explorado pela mídia, ou seja, quando se ouve falar em poluição, qualidade ambiental e outros temas correlatos, pode parecer que o “meio ambiente” é uma entidade distinta das pessoas. “Os conceitos andam vagos por aí, como abstrações ou realidades remotas que, aparentemente nos escapam ao controle” (Coimbra, 2002:11).

O conhecimento sistemático relacionado ao “meio ambiente” e ao movimento ambiental é bastante recente. É muito fácil perceber que as próprias bases conceituais – definições como a de “meio ambiente”, “ambientalismo” e “desenvolvimento sustentável”, por exemplo – estão em plena fase de construção. De fato não existe um consenso sobre esses termos nem mesmo na comunidade científica, por conseqüência, pode-se admitir que o mesmo ocorra fora dela. O que se pode verificar, portanto, é que o conceito de “meio ambiente” se constrói e é definido de modo diferente por especialistas de diferentes ciências.

Reigota (1995) faz a abordagem de cinco conceitos científicos de “meio ambiente”: um da geografia, um da psicologia e três da ecologia. Além de trazer o conceito de “ambiente” presente no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda (1989) em que ambiente é “tudo que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas por todos os lados”.

Já Sato (1997), em sua tese de doutorado adota o termo ambiente e aponta, assim como nos PCNs (2001), que este tem sido usado para indicar um espaço em que um ser vive e se desenvolve (com os componentes bióticos e abióticos),

trocando energia e interagindo com ele e que no caso do *homo sapiens*, ao espaço físico e biológico soma-se o espaço cultural.

Para Coimbra (2002) o “meio ambiente” é aquele conjunto amplo de fatores e processos de realidades complexas em que os indivíduos e as comunidades estão imersos. O ambiente rodeia de forma permanente e cambiante os seres vivos e não vivos que o compõem, notadamente o homem. Como entidade mais ampla, o “meio ambiente” abrange o conjunto. Quanto ao ecossistema, este inclui o hábitat com todos os seus fatores: os seres vivos que constituem o ambiente biótico e os componentes não vivos que formam o ambiente abiótico.

Soares (2003) lança uma proposta de definição de ambiente (por acreditar ser a palavra mais adequada) e também de educação ambiental:

Ambiente de um indivíduo é todo o espaço, todas as coisas vivas e “não vivas”, todos os processos e relações da natureza e da cultura onde ele está inserido, com os quais ele se relaciona, dos quais ele depende e os modifica, sendo que cada coisa é ou faz parte do ambiente das outras coisas. A educação ambiental busca, levar os indivíduos das sociedades a refletir e a compreender as coisas, processos e relações da natureza e da cultura para poderem, assim orientar suas vidas de acordo com suas características, possibilidades e limitações (Soares, 2003:39).

Sauvé (1996) apud Sato (1997) traz a classificação de seis concepções paradigmáticas sobre o ambiente, as quais são: o ambiente como natureza (a ser apreciada e preservada), o ambiente como um recurso (a ser gerenciado), o ambiente como um problema (a ser resolvido), o ambiente como um lugar para se viver (a ser conhecido, planejado e cuidado), o ambiente como a biosfera (a ser o local de interdependência dos seres vivos e inanimados) e o ambiente como projeto comunitário (a ser o local da coletividade humana). Estas concepções analisadas de maneira fragmentada trazem em alguns momentos o caráter utilitarista de “meio ambiente” difundido em nossa sociedade, bem como de neutralidade absoluta. Porém, a complementaridade destas concepções no projeto educativo poderia vir a ser uma forma universal, mais abrangente para a abordagem deste tema.

De acordo com Maturana (2001) o meio é tratado enquanto espaço no qual o sistema funciona como um todo, e tem uma dinâmica estrutural independente da dinâmica estrutural dos sistemas que ele contém, apesar de ser modulado pelos seus contornos com eles. “Nessas circunstâncias, todos os sistemas que interagem com um sistema vivo constituem seu meio” (Maturana, 2001:177).

Ainda nesta perspectiva é importante colocar a visão de “meio ambiente” adotada por Serres (1991) que ressalta que a terminologia duplamente redundante remete a idéia de que nós seres humanos estamos instalados no centro de um sistema, como umbigos do universo e senhores da natureza, entretanto, a Terra existiu sem nossos ancestrais, poderia existir sem nossa presença, porém, o homem não poderia existir sem a Terra. Assim, enxergar as coisas no centro, em toda parte e o homem na periferia, no seu seio ou como parasitas, seria o ideal.

É desta forma, de uma maneira mais abrangente, contextualizada e dentro de uma visão holística, que vem sendo trabalhada por diversos autores, que o “meio ambiente” é visto no desenvolvimento deste trabalho. É muito comum, até mesmo nos PCNs, que são utilizados na realização desta pesquisa, a associação do termo “meio ambiente” exclusivamente à presença dos elementos naturais e das ações antrópicas. É por isso que ele aparece destacado no texto, entre aspas, para que fique clara a busca de uma visão diferenciada desta que comumente é divulgada na mídia (a visão naturalista) e tem se tornado padrão entre o senso comum.

Para tal abordagem consideramos também a perspectiva relacional de Olivier Godard (1984), em que a visão de “meio ambiente” depende do sistema considerado inicialmente, ou seja, depende da identificação do domínio de existência desse sistema e o modo de ligação que ele estabelece com aquilo que se manifesta como seu meio ambiente.

Por mais que se discuta questões como a terminologia adequada para se expressar uma noção de “meio ambiente” mais universalizada (em totalidades organizadas), sua redundância ou a possível falta de clareza diante de outros termos, é fato, que foram justamente as interferências antrópicas neste meio, que despertaram um interesse no estudo mais aprofundado e bastante recente das questões ambientais.

De acordo com Jollivet (1997:56), a origem e fortalecimento social da questão do meio ambiente data, aproximadamente, dos anos 60, “através da tomada de consciência de um certo número de problemas colocados pelo desenvolvimento de nossas sociedades: poluições, deterioração dos ambientes naturais, limitação dos recursos naturais, urbanização acelerada mal concebida e mesmo caótica, caráter global das transformações de origem antrópica”. Esse aumento crescente na preocupação com a questão ambiental tem seu reflexo direto na constituição curricular das escolas brasileiras. Um exemplo dessa inserção da “tomada de consciência” é a sugestão da

abordagem do tema transversal “Meio Ambiente” nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), 2001.

1.3 “Meio Ambiente” e Escola

Ao pensar em como o assunto “meio ambiente” pode se inserir nas práticas escolares, é relevante destacar os apontamentos acerca do tema nos PCNs, que propõem que os conteúdos referentes ao tema sejam integrados às demais áreas de conhecimento, numa relação de transversalidade, de modo que impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente da questão ambiental, visualizando os aspectos físicos e histórico-sociais, assim como as articulações entre a escala local e planetária dos problemas. Assim, a principal função do trabalho com tema “meio ambiente” seria contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global.

É importante ressaltar que o trabalho com o tema “meio ambiente” traz uma visão ampla - que envolve não só os elementos naturais do “meio ambiente”, mas também os elementos construídos e todos os aspectos sociais envolvidos na questão ambiental. Quando se fala em “meio ambiente”, a tendência é pensar nos inúmeros problemas que o mundo atual enfrenta com relação à questão ambiental. No entanto, para que se possa compreender a gravidade desses problemas no sentido de se desenvolver valores e atitudes de respeito a este meio, é necessário que, antes de tudo, se saibam quais as qualidades deste local e desta natureza que se quer defender. Nesse sentido a escola torna-se lugar importante para a disseminação, resgate de conhecimentos e discussão das questões ambientais.

Entretanto, alguns autores defendem a idéia de que, nas escolas, este tema vem sendo pouco trabalhado, ou trabalhado de forma descontextualizada, sem relação com a realidade (muitas vezes sem relação com a realidade da escola, ou mesmo do bairro da escola), sem o estímulo de reflexões de ordem política, ou mesmo sem o estímulo para a tomada de atitude por parte dos alunos. Loureiro (1996:79) afirma que:

Nas escolas, esse assunto [meio ambiente] vem sendo tratado como parte do currículo de Ciências. Os livros didáticos, por exemplo, trazem capítulos inteiros com o rótulo de educação ambiental, no entanto, o conteúdo tem permanecido o mesmo, incorporando somente novas denominações e pequenos textos que falam o que se deve fazer para evitar a poluição,

alertam para os perigos da extinção, lembram datas ligadas ao ambiente, etc. E essa é a mensagem trilhada pelos projetos em educação ambiental: eles tratam de assuntos ambientais de forma muito específica esquecendo-se das questões sociais, que envolvem diferentes facetas econômicas e políticas e da interdisciplinaridade que está na base do próprio conceito de educação ambiental.

1.4 Escola e Mídia

Como colocado anteriormente, nota-se a frequência da abordagem de temas relacionados ao “meio ambiente” nas práticas corriqueiras do espaço da sala de aula. Uma das formas de se despertar estes conceitos e percepções, pode ser a utilização de recursos audiovisuais, introduzidos de forma simples, como por exemplo, por meio de um vídeo, pelo fato deste chamar mais atenção dos estudantes, na maioria das vezes, que extensos discursos sobre o assunto trabalhado.

A mídia e os recursos audiovisuais (vídeo-cassete, vídeo-games, aparelhos de dvd, TV, rádio, computadores, entre outros) são objetos que podem ser considerados como norteadores da vida dos estudantes. Desta forma, diante de uma sociedade totalmente influenciada pelos padrões midiáticos, situada num mundo de imagens, os filmes em sala de aula despertam estes estudantes para um mundo imaginário, e, quem sabe, para a reflexão da realidade através do questionamento e discussão dos filmes. Como defende Andrade (2000:04):

Atualmente, não há como negar a enorme influência do cinema e da TV em representações e significações que as pessoas criam a respeito de suas próprias vidas cotidianas. A ficção e a imaginação tomam conta de todos nós no momento em que paramos frente a uma tela de cinema ou de um aparelho de TV para apreciarmos uma projeção cinematográfica. Que envolve muito mais que as cenas mostradas na tela.

Muitas vezes, quando levados para a sala de aula pelos professores, os filmes servem como um instrumento de legitimação dos conhecimentos verificados na teoria, pois trazem consigo supostas imagens de um “mundo real”, de como as coisas ocorrem ou ocorreram. A proposta que agrega a exibição de obras filmicas como elucidação ou complemento dos conteúdos de sala de aula vai ao encontro com a afirmação de Almeida (1999:09) de que “as imagens do cinema e da televisão governam a educação visual contemporânea e, em estética e política, reconstroem, à sua maneira, a história de homens e sociedades”.

Hoje em dia o cinema, como artefato tecnológico, agrega uma série de significados em seu discurso, pois o mundo mais colorido, mais sonoro e repleto de

imagens, não se encontra pura e simplesmente como uma exibição sem significação. Nesta perspectiva, é notável que:

O cinema incorpora o uso da câmera, da iluminação, da edição, do cenário e do som para compor o significado. Tudo isso faz parte do processo de instituição de significados, do processo de representação que o cinema realiza. (Fabris, 1999:55)

Desta forma, torna-se extremamente relevante uma leitura destes artefatos, as obras filmicas, utilizadas ou não como legitimadoras de um conhecimento, sob um olhar mais crítico.

Não há como negar que o cinema e as mídias em geral influenciam enormemente as significações e representações que as pessoas criam a respeito de suas vidas e do meio que as cerca. Andrade (2000) explicita que:

O cinema, no decorrer de sua história, se constituiu em uma ação humana carregada de significados culturais, sociais, políticos e econômicos. Além disso, a imagem cinematográfica passou a permitir uma construção virtual da realidade, sob a forma de imagens em movimento sobre uma tela de projeção, possibilitando o enaltecimento ou a crítica da realidade a partir de sua dimensão construída virtualmente, tornando possível enaltecê-la ou criticá-la a partir dela mesma (Andrade, 2000:04).

O rádio, a TV e a imprensa escrita constituem a grande fonte de informações que a maioria das crianças e das famílias possui sobre o “meio ambiente”, principalmente sobre o que é esse “meio ambiente”. Embora muitas vezes aborde o assunto de forma superficial ou equivocada, a mídia traz em seu discurso as questões ambientais. Notícias de TV, de jornais e revistas, programas especiais tratando de questões relacionadas ao meio ambiente têm sido cada vez mais frequentes.

“Paralelamente existe o discurso veiculado pelos mesmos meios de comunicação que propõem uma idéia de desenvolvimento que não raro conflita com a idéia de respeito ao meio ambiente. São propostos e estimulados valores insustentáveis de consumismo, desperdício, violência, egoísmo, irresponsabilidade e etc” (PCNs, 2001:29).

Hall (1997:26) afirma que (...) “a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um ‘eu verdadeiro e único’, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados; de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeitos construídas para nós” (...).

Adequado a este ponto de vista, que as subjetividades dos alunos são construídas de um modo discursivo e dialógico com as orientações de sua cultura, torna-se clara a noção de que a concepção de “meio ambiente” entendida por estes, é fruto de uma construção social. É neste patamar que pode se inserir a utilização de filmes, como promotores de mudanças de atitudes, e não como são vistos em larga escala, apenas apresentados como instrumentos, sem que a própria tecnologia seja contestada, quem dirá as concepções sobre meio ambiente, ética, natureza... que estes meios estão por produzir.

Destarte, Bruzzo (1999:04) coloca que “reconhecendo a profusão de imagens que nossa sociedade incansavelmente gera, pensar a educação contemporânea é também lançar um olhar atento aos filmes, considerar a forma de examiná-los e preparar os alunos para maior autonomia frente às imagens”. Assim, não se condena a utilização destes artefatos tecnológicos em sala de aula, que muitas vezes, têm sim o papel de enriquecer a prática educativa, porém, é preciso que uma análise mais aprofundada seja feita em cima destes materiais, pois nas “entrelinhas” algumas concepções podem se disseminar (ou não) de maneira equivocada.

2. Justificativa

A escolha pelo tema se deve por algumas razões. A primeira delas é a atual inserção do tema transversal “meio ambiente” nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que traz a discussão a respeito da relação entre problemas ambientais e fatores econômicos, políticos, sociais e históricos. Como estes problemas acarretam discussões sobre responsabilidades humanas voltadas ao bem estar comum e da reconstrução homem-natureza, acredito que os filmes, das mais diversas áreas, possam ser veículos das concepções deste “meio ambiente” (que como já foi abordado neste trabalho, é ainda um conceito em construção — definido culturalmente), veículos estes que demonstrem as formas através das quais estas concepções são trazidas e difundidas pela sociedade, já que o caráter da transversalidade inclui o tema nas mais diversas áreas de conhecimento.

Outra razão se sustenta no fato dos próprios PCNs (2001) localizarem a questão ambiental, no ensino de primeiro grau, como centrada principalmente no desenvolvimento de valores, atitudes e posturas éticas, e no domínio de procedimentos, mais do que na aprendizagem de conceitos, uma vez que vários dos conceitos em que o

professor se baseará para tratar dos assuntos ambientais pertencem às áreas disciplinares. De acordo com isso, a seleção dos conteúdos para se trabalhar o tema segue determinados critérios, como: uma visão integrada, especialmente sob o ponto de vista socioambiental, capacidade de apreensão e necessidade de introdução de hábitos e atitudes já no estágio de desenvolvimento em que se encontram, além da possibilidade de desenvolvimento de procedimentos e valores básicos para o exercício pleno da cidadania.

Desta forma, creio que os filmes exibidos em sala de aula, devidamente analisados ou, pelo menos, repensados em uma determinada ótica, podem ser grandes ferramentas no desenvolvimento do pensamento crítico por parte dos estudantes e a partir deste pensamento crítico, possivelmente os mesmos estariam adotando uma postura, um posicionamento perante a questão ambiental, não necessariamente “no domínio de procedimentos”, e sim como um direcionamento diante do que realmente pode ser o “meio ambiente” que lhes é apresentado e aquele que efetivamente lhes é compreendido. Assim, seria importante descobrir quais filmes (e o que estes filmes trazem a respeito de “meio ambiente”) vêm sendo utilizados por professores, e paralelamente, o que estes filmes têm auxiliado na constituição de significados sobre “meio ambiente” em sala de aula.

Por fim, a análise das obras filmicas traduz um pouco da sociedade fundamentada num mundo imaginário, atual, extremamente visual, fruto da influência direta destes artefatos tecnológicos no cotidiano dos estudantes. Segundo Bruzzo (1999) na educação, o “conhecimento virtual” ganha de longe. Ela ainda coloca que:

Outro ponto relevante é o modo como as coisas geralmente são apresentadas no cinema e na televisão: intensas, rápidas, excitantes, vertiginosas. Assim, tornado espetáculo, o mundo fica mais real que ao natural, fica mais próximo que o distante, maior o infinitamente pequeno, menor o que é imenso, o espaço e o tempo são enquadrados em outra ordem, as cores são mais vibrantes e o som mais puro. Nem as experiências que os professores de ciências podem proporcionar, nem a própria natureza vista à luz ambiente podem concorrer com semelhante turbilhão (Bruzzo, 1999:03).

Além das colocações anteriores, pode-se afirmar que a partir do senso comum, os indivíduos desenvolvem representações sobre “meio ambiente” e problemas ambientais, geralmente pouco rigorosas do ponto de vista científico. É papel da escola provocar a revisão dos conhecimentos, valorizando-os sempre e buscando enriquecê-los com informações científicas. Novamente os PCNs (2001) levantam esta questão:

É importante que o professor trabalhe com o objetivo de desenvolver, nos alunos, uma postura crítica diante da realidade, de informações e valores veiculados pela mídia e daqueles trazidos de casa. Para tanto, o professor precisa conhecer o assunto e, em geral buscar junto com seus alunos mais informações em publicações ou com especialistas. tal atitude representará maturidade de sua parte: temas da atualidade, em continuo desenvolvimento, exigem uma permanente atualização; e fazê-lo junto com os alunos representa excelente ocasião de, simultaneamente e pela prática, desenvolver procedimentos elementares de pesquisa e sistematização da informação (...) (PCNs, 2001:30)

Nesta perspectiva, ao iniciar esta pesquisa, pensamos em alguns questionamentos que relacionassem a utilização de vídeos em sala de aula e sua contextualização, através de um olhar crítico dos estudantes. Assim, achamos importante começar a pesquisa ao procurar quais sentidos sobre o “meio ambiente” são construídos por estudantes de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, a partir das obras filmicas mais exibidas na rede estadual de ensino, no município de Florianópolis, SC.

Estes sentidos são construídos por determinados sujeitos, no caso deste trabalho os estudantes, de acordo com a formação discursiva³ em que estes estão inseridos. Desta forma, na Análise de Discurso de Eni Orlandi (2003:47) “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. E é o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos”.

3. Objetivos da pesquisa

O objetivo geral da pesquisa é analisar o discurso dos estudantes de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental sobre o “meio ambiente”, com base nas obras filmicas mais exibidas por professores de Ciências da rede estadual de ensino, no município de Florianópolis, SC.

Para que tal objetivo se cumpra efetivamente, estamos selecionando as obras filmicas mais utilizadas por professores de Ciências da rede estadual de ensino, no município de Florianópolis, através da frequência dos empréstimos, no acervo da “TV Escola” (Videoteca da Secretaria Estadual da Educação). Após esta seleção, estaremos propondo uma seqüência didática nas turmas escolhidas, que inclua os momentos que

³ A noção de formação discursiva, para Orlandi (2003:43), “ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se defini como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.”

precedam a exibição das obras filmicas, a exibição em si e a coleta de dados (material escrito, reações, falas, etc.), com o intuito de verificar os sentidos construídos por estudantes a respeito do conceito “meio ambiente” presente nas obras filmicas, sob a luz de uma concepção abrangente e de uma perspectiva relacional deste conceito.

A partir desta seqüência didática serão demarcados, a partir da análise do discurso dos estudantes sobre o “meio ambiente”, os limites e as possibilidades das obras filmicas utilizadas na pesquisa e uma possível proposta de outras formas de exibição das obras filmicas em sala de aula.

4. Aporte Metodológico

Metodologicamente, o desenvolvimento do trabalho em curso possui não só um critério de pesquisa, mas diversos, de acordo com a etapa a ser realizada. O trabalho é orientado numa perspectiva qualitativa.

Num primeiro momento, pela necessidade de separação das obras filmicas e enumeração das mesmas, no acervo do Projeto “TV Escola”, o trabalho conta com enfoque para a pesquisa documental. De acordo com Vergara (2000), a pesquisa documental é aquela realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, e são exemplos destes documentos: filmes, fotografias, videoteipes, comunicações informais, diários, entre outros.

Ludke e André (1986) dão a base para a etapa que se refere à coleta de dados na parte da pesquisa que utiliza a interação entre o pesquisador e os estudantes.

Na análise do discurso dos estudantes, ponto fundamental deste trabalho, o principal referencial é a linha francesa da análise discursiva, bem como a análise de discurso de Eni Orlandi.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata a língua, não trata a gramática, embora todas estas coisas lhe interessem. Ela trata o discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem (...) (Orlandi, 2003:15).

A Análise de Discurso, ainda de acordo com Orlandi (2003) leva em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, através da análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.

A análise do discurso é um referencial não somente metodológico deste trabalho, mas acima de tudo teórico, por não separar a forma do conteúdo e compreender a língua não somente como um conteúdo e sim como acontecimento.

Os materiais produzidos por estudantes nesta pesquisa, serão analisados dentro da perspectiva de integrar as propostas dos PCNs às visões de meio ambiente trabalhadas em sala, sempre na busca de uma reflexão crítica da relação problemática ambiental x educação.

5. Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, M. J. de. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. *Proposições*, Campinas, S.P, v. 10, n. 2 (29), p. 9-25, jul. 1999 .

ANDRADE, Elaine Cristina Pires de. O Professor de Ciências e o Cinema: Possibilidades de Discussão. *Ciência e Ensino*, Campinas, S.P, n. 9, p.04-06, dez. 2000.

BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

BRUZZO, C. Filmes e Escola: Isto Combina? *Ciência & Ensino*, Campinas, S.P, n.6, p. 03-04, jun. 1999.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 4ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

COIMBRA, J. A. A. *O outro lado do Meio Ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental*. Campinas, SP: Millenium, 2002.

FABRIS, E. T. H. “Representações de Espaço e Tempo no Olhar de Hollywood sobre a Escola”. *Dissertação de Mestrado em Educação/Programa de pós-graduação em educação*. UFRGS, 1999.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GODARD, O. *Autonomie socio-economique et externalisation de l'environnement: la théorie neo-classique mise en perspective*. Paris: Economie appliqué, 1984. Tome XXXVIII (2): 315-345.

- GONÇALVES, C. W. P. “*Os (Des) caminhos do Meio Ambiente*”. São Paulo: Contexto, 1989.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e realidade*. Porto Alegre, R.S, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez. 1997.
- JOLLIVET, M. O meio ambiente: questões e perspectivas para a pesquisa. In: Vieira, P. F. & Weber, J. (org). *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 53-112.
- LOUREIRO, C. F. B. Panorama Histórico e Ideológico da Educação Ambiental. In: *Anais do Seminário Educação Ambiental e a Nova Ordem Mundial*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 77- 84
- LUDKE, M & ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana* (organização Cristina Magro e Victor Paredes.). Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2001.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Meio Ambiente e Saúde, Temas Transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
-
- terceiro e quarto ciclos;
apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SATO, M. *Educação para o Ambiente Amazônico*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, SP, 1997.
- SOARES, A. G. *A Natureza, a Cultura e Eu – ambientalismo e transformação social*. Itajaí, SC: Editora da Univali, 2003.
- VERGARA, S. C. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

